

Boas práticas de envelhecimento ativo de imigrantes africanos: a Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo Verde

Cristina Roldão*

Resumo Nos seus 24 anos de existência, a Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo Verde (AAAESCV) tem desenvolvido inúmeras atividades de promoção cultural e recreativa. A finalidade dessas atividades nunca passou explicitamente pelo envelhecimento ativo, mas aquilo que pudemos observar é que elas têm dado um sólido contributo para que os seus associados, na sua maioria acima dos 65 anos, tenham efetivamente um envelhecimento mais ativo do ponto de vista físico, intelectual e social. Contudo, pensando no perfil socioeconómico mais geral dos imigrantes idosos de origem africana em Portugal, existem desafios específicos que, embora não experienciados pela AAAESCV, é necessário frisar e integrar na formulação de boas práticas.

Palavras-chave envelhecimento ativo, imigrantes africanos, AAAESCV.

Abstract In its 24 years of existence, the Cape Verdean Former Student Association (AAAESCV) has developed innumerable activities of cultural and recreational promotion. The objective of these activities has never explicitly been active aging. However, what we have been able to observe is that they have given a solid contribution to their associates, most of which over 65 years old, towards effective active ageing from a physical, intellectual and social perspective. Nevertheless, keeping in mind the general socio-economic profile of most elderly immigrants of African descent in Portugal, there are specific challenges that, although not experienced by AAAESCV, are necessary to identify and integrate in the development of good practices.

Keywords active ageing, African immigrants, AAAESCV.

* Investigadora do Centro de Investigação e Estudos de Sociologia (CIES-IUL) - ISCTE-IUL.

Boas práticas de envelhecimento ativo de imigrantes africanos: a Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo Verde

Cristina Roldão

Foi no decorrer da pesquisa “Imigrantes Idosos: Uma Nova Face da Imigração em Portugal” (Machado e Roldão, 2010), e através do sociólogo cabo-verdiano César Monteiro, a quem agradecemos a pista e os contactos iniciais, que chegámos à Associação dos Antigos Alunos do Ensino Secundário de Cabo Verde (AAAESCV), num sábado dedicado à Ilha da Boavista em que se discutiram algumas particularidades da história desse território, se ouviu música ao vivo tocada por vários artistas e se deram alguns passos de dança.

Embora a sua origem seja bem anterior, com a “Casa Amílcar Cabral” na distante Luanda de 1974 (onde trabalhavam vários quadros da função pública de origem cabo-verdiana), a AAAESCV surgirá somente em 1987 e já em Portugal. Tratou-se, de certa forma, da formalização e organização daquilo a que chamam “núcleo do Rossio”, grupo de amigos e conterrâneos de Cabo Verde que costumavam juntar-se nessa zona de Lisboa. É, aliás, interessante como esse local continua a ser um palco privilegiado de encontros entre africanos, parte deles já idosos. Como referido pela dirigente da AAAESCV, inicialmente, ainda nos anos 80, os cabo-verdianos estavam territorialmente mais dispersos do que hoje e a constituição da associação era uma oportunidade para congregar, “matar saudades” e promover a cultura cabo-verdiana. Quer em Angola, quer mais tarde em Lisboa, os objetivos passaram sempre e especialmente pela promoção da cultura - música, literatura, gastronomia e história cabo-verdianas - e do convívio entre cabo-verdianos.

A associação é maioritariamente composta por naturais de Cabo Verde, especialmente das ilhas de S. Vicente e Santo Antão, chegados a Portugal antes da vaga de imigração africana da década de 90 e, como nos conta a dirigente da associação, as idades atuais dos sócios tendem a estar acima dos 65 anos, havendo vários casos de pessoas com idades superiores a 80 anos.

Contam-se cerca de 1000 associados, mas somente 200 têm uma participação mais regular ao nível do pagamento de cotas e do envolvimento nas atividades da associação. Até que ponto parte dessa “ausência” não se deve a dificuldades de mobilidade e acesso à sede da AAAESCV?

Todos os sábados são oferecidas atividades recreativas e culturais como pequenos concertos e serenatas de música cabo-verdiana, com músicos profissionais e amadores; bailes; jogos; visionamento de filmes; almoços, lanches e jantares de convívio;

apresentações de livros e discos; palestras sobre a cultura, história e diáspora cabo-verdiana, mas também sobre a atualidade portuguesa e internacional (saúde, desporto, envelhecimento, direito, política e economia europeia, etc.). Para além disso, vão para fora de portas, em jantares de convívio, encontros com outras instituições ligadas a Cabo Verde, visitas a monumentos históricos, patrimónios naturais, espetáculos e outras ofertas culturais de Portugal e, por vezes, de outros países. Viajar até Cabo Verde seria também uma atividade da AAAESCV se, como nos disse a Presidente, não fosse tão dispendioso e se não houvesse o Congresso dos Quadros Cabo-Verdianos da Diáspora, que ocorre desde 1994, de quatro em quatro anos, na maioria das vezes em Cabo Verde, e no qual vários associados participam.

As atividades que hoje desenvolvem vão ao encontro daquilo que sempre fizeram nos últimos 24 anos e não existe um objetivo explícito de promoção do envelhecimento ativo, embora um dos resultados do seu trabalho seja isso mesmo, quer pelas práticas de associativismo em si, quer pelas múltiplas atividades em que se envolvem através dessa pertença.

Nas entrevistas realizadas para a já referida pesquisa vários entrevistados de origem cabo-verdiana expressaram a sua ligação profunda com a Associação:

“E tem a associação aos fins de semana. Sim, sempre. Quer faça chuva ou faça sol, debaixo de chuva e trovoada. Há vezes que estou sentada em casa e digo “Ai, não! Rapariga, menina, faz favor, tens que vencer essa inércia! A caminho!” (Adelaide, 73 anos)

“Eu vou à associação, converso com várias pessoas, pessoas da minha idade, pessoas de, que conviveram o tempo que eu vivi a minha mocidade, lembranças disso e lembra-se daquilo e tal...” (Gregório, 81 anos)

“Ao fim de semana, eu digo à minha mulher que é hora da missa. Sabe o que é? É ir à associação (risos). Vamos lá. (...) Ela gosta de ir. Pelo convívio com as amigas e dançar um pouco, que também faz bem. (...) Muitos amigos daquele tempo. É excelente aquela associação. Ao sábado estamos todos juntos. (...) Houve uma [excursão] agora, à costa de Espanha, durante seis dias.” (Vicente, 76 anos)

A Presidente da AAAESCV confirma:

“Eles têm idade, mas para baile estão todos aqui, não param (risos)! Todos os sábados eles dançam até à meia-noite, meia-noite e meia, uma hora, só depois é que vão para casa deles. Veem cá, comem a cachupa (...) jantam, depois temos música, temos um DJ.”

Estas ações, assim como outras menos visíveis de índole mais organizacional, são na sua quase totalidade desenvolvidas em regime de voluntariado pelos sócios ou

por amigos destes e da associação. O capital social dos associados é uma fonte riquíssima e difusa de recursos, são vários os exemplos de filhos, familiares e amigos dos associados que veem dar palestras e concertos na AAAESCV, que apoiam pontualmente na organização em algumas atividades e que fornecem através das suas empresas ou contactos material e serviços necessários.

As receitas da AAAESCV proveem fundamentalmente das cotas e doações dos sócios, de iniciativas de angariação de fundos e do “restaurante” da associação onde servem jantares aos sábados. Não se têm candidatado a programas estatais ou internacionais de financiamento porque *“os sócios acham que não devem pedir muito (...) que não devem depender de pedidos”* (Dirigente da AAAESCV), algo que estará em parte relacionado com as condições socioeconómicas desafogadas dos sócios e que dificilmente poderia ser replicável em associações cujos membros estão em situação de maior desfavorecimento, como é o caso da grande maioria dos cabo-verdianos em Portugal. Mas atualmente a AAAESCV começa a defrontar-se com maiores dificuldades financeiras, dada a conjuntura macroeconómica atual e a passagem de muitos dos sócios à reforma, com a conseqüente diminuição dos seus rendimentos. Gostariam de fazer mais viagens e passeios; a sede da AAAESCV precisa de algumas obras; de computadores para os sócios poderem aceder à internet e equipamento audiovisual para registar de forma mais sistemática e com maior qualidade as atividades que vão desenvolvendo.

Parte deles frequentou o Liceu Gil Eanes na Ilha de S. Vicente ou estabelecimentos de ensino noutros locais. São, portanto, face à maioria dos cabo-verdianos em Portugal, mais escolarizados, muitos deles com o ensino superior ou o equivalente ao ensino secundário e profissionalmente mais bem colocados (empresários, quadros da função pública, profissionais liberais, etc.).

As condições sociais relativamente favorecidas, por vezes já existentes na geração dos pais e avós em Cabo Verde, explicam, em parte, o maior envolvimento associativo destes idosos. Mas, tal como pudemos apurar no referido estudo, há casos em que, em condições socioeconómicas e de saúde semelhantes, o quotidiano é mais confinado no que diz respeito à rede de sociabilidades e às atividades em que se envolvem. O envolvimento em atividades associativas, culturais e recreativas parece ser também fruto de trajetos de vida em que, para além da família e do trabalho, houve sempre espaço para outras formas de participação social, não só atividades associativas, como também desportivas, artísticas, de investigação, político-partidárias, religiosas, etc.

Frisamos estes aspetos - origens sociais e trajetórias de participação cívica - porque nos parecem ser importantes de ter em conta numa eventual disseminação e replicação das boas práticas de envelhecimento ativo levadas a cabo pela AAAESCV. É que, como sabemos, boa parte dos idosos imigrantes, especialmente os africanos,

não partilham essas condições. Para dar conta desses desafios, e contribuir para a cumulatividade do conhecimento nesta área, procurámos articular a informação recolhida na AAAESCV com algumas das recomendações, aquelas direcionadas para o envelhecimento ativo, formuladas pelos dois únicos estudos até agora dedicados aos idosos imigrantes em Portugal (Machado e Roldão, 2010; Marques e Ciobanu, 2012).

1) A promoção do acesso ao conhecimento, através de concertos, palestras, viagens e passeios, apresentações de livros e discos, mas que poderia assumir ainda outros formatos, é uma boa prática da AAAESCV.

1.1) Debruçam-se sobre aquilo que são as suas referências culturais étnico-nacionais e geracionais (música, literatura, história, etc.), o que nos parece, como observado noutros lugares (Machado e Roldão, 2010; Marques e Ciobanu), ser um elemento fundamental para o seu envolvimento e identificação.

1.2) Para além disso a AAAESCV aborda outras temáticas relevantes e do interesse dos associados, relacionadas com a saúde, envelhecimento, medidas políticas, legislação, etc. Acrescentaríamos ainda a importância, embora a AAAESCV não trabalhe esse domínio, de atividades relacionadas com a aprendizagem ao longo da vida, como a alfabetização, escolarização, orientação no acesso às TIC, etc.

2) Facilitar as mobilidades com vista a evitar o isolamento”, recomendação de Marques e Ciobanu (2012), é outro eixo em que a AAAESCV tem feito um trabalho interessante, embora muito específico. As viagens e passeios que desenvolvem são atividades bastante estimulantes, mas também dispendiosas e exigentes do ponto de vista da organização. O acesso a equipamentos culturais nacionais, mas também a possibilidade de viajar até ao país de origem, a outros países com forte implantação da conterrâneos ou ainda a outros locais, são uma forma lúdica de promover a mobilidade, mas também as sociabilidades e o acesso ao conhecimento. Contudo, torna-se evidente que a deslocação dos sócios com maiores dificuldades motoras pode estar comprometida pela ausência de uma resposta efetiva de transporte, que é um encargo pesado para associações locais como a AAAESCV. Dentro ainda da promoção da mobilidade, pudemos incluir o acesso às TIC. Embora a AAAESCV não tenha até ao momento conseguido implementar este tipo de atividades, é reconhecido que estas podem ter um impacto positivo junto destes públicos, porque são um veículo virtual de acesso ao conhecimento e de comunicação.

3) Outra boa prática da AAAESCV que nos parece transferível prende-se com a participação cívica, embora esta associação reúna condições especiais, visto muitos dos seus membros terem estado ao longo da sua vida envolvidos em atividades associativas. Nos casos em que isso não é assim, e podemos pensar que essa será a maioria das situações, essa participação cívica poderá ser estimulada por instituições locais.

O que parece ser fundamental, a AAAESCV mostra-nos isso, assim como pensamos ser esse o entendimento de Marques e Ciobanu (2012) a propósito da “capacitação dos migrantes”, é que os objetivos dessa participação partam dos interesses dos indivíduos em causa, podendo passar pela organização e fruição de atividades recreativas (jogos, bailes, concertos, convívios, etc.), voluntariado (destinado ao próprios grupo ou não), hortas urbanas, associações, emprego, etc., mas também dos seus recursos, seja o seu capital social, cultural, económico ou força de trabalho.

2012 é o Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações e, como referido nos estudos citados, até certo ponto idosos imigrantes e portugueses enfrentam desafios semelhantes a esse nível. Contudo, não deixa de ser verdade que a muitos idosos africanos se colocam obstáculos acrescidos, desde logo ao nível da sua sobrevivência material em termos de saúde (os óbitos entre idosos africanos tendem a ocorrer mais precocemente do que entre idosos portugueses, uma diferença média de 4 anos) e de rendimentos (tendem mais do que os restantes, quase o dobro em termos percentuais, a viver a cargo da família). O acesso a apoios institucionais tende a ser menos eficiente, quer porque os seus contextos residenciais têm lacunas a esse nível, quer porque parece existir algum desconhecimento das respostas institucionais disponíveis (Machado e Roldão, 2010). Parece-nos, e indo ao encontro da definição de envelhecimento ativo utilizada pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2002), que não só é necessária a promoção da participação social, seja pelo envolvimento cívico, atividades recreativas, integração na sociedade do conhecimento ou outras, como o emprego, mas também a promoção de melhor acesso à saúde, por via dos cuidados, estilos de vida, atividade física, etc., e aquilo a que a referida instituição denomina segurança, que do nosso ponto de vista remete, entre outras coisas, para questões como os rendimentos e a proteção social.

Referências Bibliográficas

- Machado, F. L. e Roldão, C. (2010), *Imigrantes Idosos: Uma Nova Face da Imigração em Portugal*, col. Estudos, Lisboa: Observatório da Imigração/ACIDI.
- Marques, M. M. e Ciobanu, R. O. (2011), *Migrantes Idosos em Portugal*, Fórum Gulbenkian Migrações 2011, Cascais: Principia.
- OMS (2002), *Active Ageing - A Policy Framework*, disponível em: http://whqlibdoc.who.int/hq/2002/WHO_NMH_NPH_02.8.pdf.

Ageing as an expat in the Algarve: good practices among retired migrants

Eileen England*

Resumo A história de vida de uma reformada inglesa radicada no Algarve, envolvida em atividades associativas e de ocupação de tempos livres destinadas a migrantes britânicos fixados no Algarve mostra as estratégias de adaptação desses migrantes e práticas específicas de envelhecimento ativo.

Palavras-chave imigrantes reformados, associativismo, envelhecimento ativo, Algarve.

Abstract The life story of a retired Englishwoman established in Algarve and involved in associative and free-time occupation activities directed at British migrants in the Algarve shows the adaptation strategies of these migrants and specific practices for active ageing.

Keywords retired immigrants, associativism, active ageing, Algarve.

* CRIAR, Club for Retired International Algarve Residents.